

## O amor e a feminilidade nos contos de Marina Colasanti

Raquel Lima Besnosik  
UNEB

Trata-se de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação da Prof. Dr. Verbena Maria Rocha Cordeiro. Este estudo tem como foco o amor e a feminilidade nos contos de Marina Colasanti, questões que ainda mobilizam e tensionam o sujeito da contemporaneidade. O amor é um tema que perpassa a obra dessa autora e que, com diversas representações em diferentes culturas e épocas, continua povoando o imaginário de todos nós. Embora tenha ocorrido uma transformação nos conceitos de feminilidade e de amor ao longo das décadas, esse sentimento ainda ocupa um lugar significativo na constituição da identidade feminina.

Com extrema sensibilidade e leveza, Colasanti narra de forma singular as particularidades do universo feminino, especialmente em seus contos, carregados de símbolos e imagens. Essas características presentes em sua narrativa favorecem o propósito desse estudo que busca um diálogo entre a Literatura e a Psicanálise. Marini afirma que, na história da teoria psicanalítica, estão presentes muitos encontros com os mitos, os contos e as obras literárias. Literatura e psicanálise “se fundem ambas num trabalho da linguagem e do imaginário” (MARINI, 1997, p.46), influenciando-se mutuamente.

Ainda que o amor seja um tema que permeia toda a obra de Colasanti, foi feito um recorte para esse estudo, optando-se por três contos que tematizam, de forma mais explícita, o amor e o encontro amoroso: “Entre as folhas do verde O”, do livro *Uma idéia toda azul* (1979); “Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento”, do livro homônimo (1982) e “Com certeza tenho amor”, do Livro *23 histórias de um viajante* (2005). Pretende-se destacar os aspectos narrativos dos contos de Marina Colasanti, suas mudanças ao longo da produção da autora e como essas narrativas contribuem para a construção da idéia do amor e da feminilidade. A pesquisa visa também identificar as concessões que homens e mulheres fazem em nome do amor, ou seja, as

“negociações” que ambos fazem no jogo amoroso para obter o que desejam. É um estudo comparativo que tem a finalidade de analisar as mudanças no modo como a escritora aborda a importância do amor na constituição da identidade feminina e a possibilidade do encontro amoroso entre homens e mulheres.

### **A feminilidade, o amor e o encontro amoroso na psicanálise**

A teoria psicanalítica (como um caminho possível de interpretação), em diálogo com a literatura, será utilizada como suporte teórico nesse estudo. Esta teoria, no que se refere à feminilidade, passou por várias reflexões e re-escritas, e, mesmo com todas as contradições e opacidades ainda existentes em seu interior, é um campo de conhecimento que possibilita uma profunda e consistente interpretação do movimento que as mulheres fazem na busca de um ideal de feminilidade.

Segundo Serge André (1987), Freud construiu o conceito de feminilidade partindo de um modo de pensar masculino. Para Freud, a mulher era um enigma. A feminilidade se constituía como um objeto de pensamento inapreensível e das mulheres não se podia esperar nada porque elas próprias eram esse enigma. O tornar-se mulher, para Freud, se confundia com o tornar-se mãe. Através da maternidade, a mulher podia atribuir ao filho o papel de significante de sua identidade.

Esse conceito de feminilidade é revisto, contudo, em “Análise terminável e interminável”, quando Freud (1937) repensa a problemática da castração para os dois sexos. A feminilidade é definida como uma característica comum tanto a mulheres quanto a homens. Freud atribui à feminilidade

(...) um estatuto originário e universal, e a situa no âmago de nossa cultura e, conseqüentemente, do processo de subjetivação que diz respeito a homens e mulheres, já que é uma experiência determinante para a constituição dos indivíduos como sujeitos sexuados. (NUNES, 2002, p.55)

Os conflitos que as mulheres experimentam hoje, na busca de uma identificação de feminilidade, não se restringem aos propostos por Freud entre ser mãe e esposa. A tensão na contemporaneidade, segundo Colette Soler

(1998), encontra-se entre a realização profissional e a vida amorosa, entre trabalho e amor.

Para Kehl (1988), na mulher, o amor tem um papel fundante, diferente do papel do amor para o homem (que valoriza mais a amizade). A autora se surpreende como, de interesses tão divergentes, podem surgir relações relativamente estáveis e intensas entre homens e mulheres.

Para o homem, apaixonar-se é visto como perda de poder. Seu truque, para tentar compensar sua falta, será concentrar-se na sua potência sexual, focar no que pensa ter em excesso. Ele separa desejo e amor. Deseja todas as mulheres, protegendo-se outra vez da castração e transformando a mulher num objeto a serviço do falo. A mulher espera pela cura através do amor, mas reprime o desejo. Ela dá novo valor ao seu corpo quando nega qualquer necessidade de contato ou de preenchimento. Kehl (1988, p.419) diz “a defesa do homem é desejar sem amor, a da mulher é amar sem desejar: continua sendo espantoso que nos encontremos”. Homens e mulheres, entre encontros e desencontros, procuram um no outro o que falta em si mesmos, mas sempre temem ver a extensão dessa falta. Eles temem e buscam o contato. “Se temem o contato é porque de alguma forma o amor fere. Se mesmo assim continuam buscando contato é que o amor também cura” (KEHL, 1988, p.420).

Em nome do “amor”, para manter-se no relacionamento, a mulher faz muitos “sacrifícios”. A leitura cuidadosa da temática, de acordo com Cabeda (2000), revela que para a psicanálise não há, no jogo amoroso, um verdadeiro sacrifício ou renúncia da mulher. Existe um benefício nessa atitude que toma. Ela faz isso para obter alguma coisa, para alcançar determinado status ou para ser desejada. Essa estratégia é, no entanto, muito perigosa porque a mulher confere ao homem um grande poder, uma vez que ele é quem dá sentido à sua existência. Na possibilidade deste desaparecer, pode se sentir perdida, sua vida pode ficar sem sentido.

Como não consegue esconder sua falta por muito tempo, a mulher se vê na iminência de (re)vivenciar o abandono e a perda. A ela só resta recuperar o conhecimento sobre si mesma que depositou nas mãos do outro. Esse é um caminho difícil, mas permite à mulher superar o ressentimento e curar seus males numa relação de amor. Kehl (1988) comenta ainda que não há um amor

idealizado previamente, mas um amor construído a partir da intimidade, da convivência e da troca.

### **A feminilidade, o amor e o encontro amoroso em marina colasanti**

Em Marina Colasanti, “o feminino deixa de ser musa, objeto ou enigma da obra” (NERI, 2002, p.26). O feminino é protagonista, constrói seu próprio caminho, inscreve-se como potência criadora afirmativa, não é mais o masculino que a determina. Nos contos escolhidos para análise neste trabalho, é assim que se apresenta a figura feminina.

Marina Colasanti tematiza variações do amor em diferentes momentos históricos considerados nesse estudo. Embora haja uma certa tendência (relacionada ao contexto histórico da época) ao tratar dessa questão, a representação do amor não é linear nos contos da autora. Nos contos das décadas de 70 e de 80, observa-se uma certa impossibilidade no encontro amoroso. No livro *Uma idéia toda azul*, de 1979, os personagens, especialmente os personagens femininos, apresentam um grande desejo de libertação, de expansão, de não submissão às imposições do outro, de buscar um outro sentido existencial. No conto “Entre as folhas do verde O”, a corça-mulher não se deixa aprisionar como uma mulher que não quer ser. Ela deseja continuar corça, mas não deixa de amar o príncipe, ainda que não falem a mesma língua, que não desejem as mesmas coisas. Existe uma barreira para o encontro amoroso, mas essa barreira não extingue o sentimento.

Na obra *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, de 1982, apesar do curto espaço de tempo de publicação entre ele e o livro *Uma idéia toda azul*, a questão do amor é abordada de forma diferenciada. No conto escolhido para análise, “Doze reis e a moça no labirinto do vento”, há uma moça determinada que escolhe o momento de se casar e escolhe também a quem vai se entregar. Doze reis passam por provas impostas por ela. Onze deles fracassam e se perdem nos caminhos do labirinto da mulher. Aqui, homem e mulher não se encontram facilmente. É preciso alguns “sacrifícios” para que obtenham o que desejam. Finalmente, surge o rei que desvenda o labirinto da moça, sem segui-la, sem procurar seu caminho. Fazendo uso da força de sua masculinidade, ele abre espaço nesse labirinto com sua espada e encontra a moça, que, por fim, se entrega num sorriso.

Na década de 70, o movimento feminista, nesse momento, está atuante e mundializado (DEL PRIORE, 2005). As mulheres brigam por seu espaço, querem ser ouvidas, fazem reivindicações de direitos iguais. Contudo, cresce um movimento de oposição ao feminismo. Devido ao seu posicionamento extremista, as feministas passam a ser rotuladas de mulheres mal-amadas e masculinas. As revistas femininas ainda continuam investindo na figura da mãe e da dona-de-casa. Só que agora, essa mulher dos anos 70 não é mais a “rainha do lar”. Ela é questionada por seus filhos, teme ser trocada por uma mulher mais jovem, vive angustiada sem saber onde errou para não ter conseguido a felicidade no casamento. Nas revistas, não faltam seções sobre “como salvar seu casamento”. Apesar do espaço que as mulheres conquistam na sociedade, o cenário cultural ainda privilegia o homem. É ele quem conduz o relacionamento e a existência da mulher depende da comprovação masculina. Por isso, a mulher tem que fazer de tudo para agradar seu marido.

De acordo com Del Priore (2005), as conquistas femininas sofrem um movimento de idas e vindas. Ao mesmo tempo que essa nova mulher deseja viver a liberdade de escolha, novas conquistas no âmbito profissional e a liberação sexual, precisa também lidar com uma grande pressão moral que valoriza mulheres que casam virgens e que escolhem a vida doméstica. Esse contexto, de certa forma, se reflete na obra de Marina Colasanti, inclusive porque a própria autora, com livros que abordam diretamente a questão da mulher e com sua atuação numa revista feminina (Revista Nova)<sup>1</sup> por 18 anos, realizou uma trajetória marcante em defesa dos direitos das mulheres.

Nas últimas décadas do século XX, um outro movimento se inicia. Ele procura separar sexualidade, casamento e amor. O casamento não é mais obrigatório, o sexo sim. Para casar, é preciso “experimentar” antes. Existe mais espaço para se falar sobre questões relacionadas à sexualidade, inclusive para as mulheres. Nesse movimento, o prazer (que durante tanto tempo foi reprimido) passou a ser prioridade em detrimento do casamento e do próprio sentimento do amor (DEL PRIORE, 2005).

---

<sup>1</sup> Revista lançada em 1973 que contribuiu para a discussão de questões referentes ao universo feminino. Exerceu um papel importante na década de 70, quebrando tabus sexuais ao abordar o sexo de forma direta, diferente de outras revistas. Seu público alvo é a mulher dinâmica, economicamente independente, com alto nível cultural e que gosta de vida social (LAMOUNIER, 2007).

Mesmo diante da crise da instituição do casamento, da busca excessiva pelo prazer e da nova abordagem da sexualidade, o amor ainda sobrevive e atravessa as décadas. “Em toda a história do amor, o casamento e a sexualidade estiveram sob controle; controle da Igreja, da família, da comunidade. Só o sentimento, apesar de todos os constrangimentos, continuava livre” (DEL PRIORE, 2005, p.312). Assim sempre esteve o amor nos contos de Marina Colasanti. Mas, nesse novo cenário histórico, abrem-se outras possibilidades para o encontro amoroso.

Segundo Torres (2002), o movimento feminista até os anos 60 buscava a igualdade entre os sexos com o masculino como modelo a ser seguido. Nos anos 70, o neofeminismo reformula o conceito de igualdade e começa a falar sobre uma afirmação da diferença. Posteriormente, essa igualdade é substituída pela busca e construção da identidade e dos desejos femininos. A mulher não quer mais ser o espelho ou o contrário do homem. Ela deseja encontrar sua marca própria, seus valores, seus direitos, sua feminilidade, sua identidade, numa mudança de consciência e de atitude. “É a busca de uma reconciliação entre o real e a fantasia, o prazer e o trabalho, a sensibilidade e a razão, estigmatizados como antagônicos e heterogêneos pelo mundo moderno mecanizado, pela sociedade repressiva” (TORRES, 2002, p.10-11).

Nos contos mais atuais de Marina Colasanti, observa-se possibilidades para que o amor aconteça sem grandes imposições ou necessidade de “negociações”. No conto “Com certeza tenho amor” (escolhido para análise), do livro *23 histórias de um viajante*, o reconhecimento do objeto de amor é imediato. A moça e o jovem saltimbanco começam a sorrir, a cantar e de repente largam a comida no prato e começam a chorar. “Com certeza tenho amor”, afirmam os jovens. O encontro amoroso se anuncia, apesar das dificuldades.

Verifica-se, dessa forma, que o amor ocupa um lugar importante na constituição da identidade feminina nos contos de Colasanti. O amor abordado pela autora em seus contos é aquele que considera a união entre um homem e uma mulher como uma aliança, representando uma identidade partilhada. “Nesse caso, o amor é o instrumento desejável na construção das identidades pessoais e na articulação do sujeito ao outro” (SILVA, 2002, p.166). É possível observar também, de acordo com o contexto histórico-social em que a narrativa

está inserida, imagens e símbolos que representam questionamentos das transformações pelas quais passaram os papéis masculino e feminino e seu desempenho na difícil arte de amar.

## Referências

- ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- CABEDA, S. T. L. “O que quer uma mulher?” A construção do corpo pela cirurgia plástica. In: CABEDA, S. T. L., CARNEIRO, N. V. B., LARANJEIRA, D. H. P (org.). *O corpo ainda é pouco: II Seminário sobre a contemporaneidade*. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000.
- COLASANTI, M. *23 histórias de um viajante*. São Paulo: Global, 2005.
- COLASANTI, M. *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento* (1982). São Paulo: Global, 2003.
- COLASANTI, M. *Uma idéia toda azul*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.
- DEL PRIORE, M. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável. *Edição eletrônica brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1937. CD-ROM, versão 2.0.
- KEHL, M. R. Masculino / Feminino: o olhar da sedução. In: NOVAES, A. (org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LAMOUNIER, C. B. A revista NOVA/Cosmopolitan na história da mídia impressa brasileira. *Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. INTERCOM SUDESTE 2006 XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ribeirão Preto, SP - 22 a 24 de maio de 2006. Disponível em: <[http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4/impressa/cb\\_lsg.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4/impressa/cb_lsg.doc)>. Acesso em: 02 jul 2007.
- MARINI, M. A crítica psicanalítica. In: *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NERI, R. O encontro entre a psicanálise e o feminino. Singularidade / Diferença. In: BIRMAN, J. (org.) *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- NUNES, S. A. O feminino e seus destinos: maternidade, enigma e feminilidade. In: BIRMAN, J. (org.) *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- SILVA, S. D. O entre-lugar de Marina Colasanti. In: *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

SOLER, C. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

TORRES, M. *A desconstrução do feminino em Grimm e Marina Colasanti: A filha do Moleiro, Rumpelstisequim e a Moça Tecelã*. In: BRASAVI, 2002, Atlanta. Disponível em: <<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/gM2yPK/Torres%20Maximiliano.pdf>> Acesso em: 10 jun 2007.